

ARTIGOS

A DUPLA FACE DO CONTRAPONTO COM A MODERNIDADE NA ANÁLISE DA PÓS- MODERNIDADE

ANA MARIA NICOLACI-DA-COSTA¹

Resumo

Várias características da vida pós-moderna – notadamente aquelas que têm por base as tecnologias da informação e de telefonia celular – vêm suscitando reações negativas por parte de não-intelectuais e intelectuais. Fredric Jameson (1991), um dos principais analistas da pós-modernidade, sugere o uso do contraponto com a modernidade como uma espécie de antídoto para essas reações. Não discute, no entanto, outros possíveis efeitos desse contraponto. Essa discussão é realizada neste trabalho, tomando como exemplo o livro *A corrosão do caráter*, de Richard Sennett (1998). Argumenta-se que, quando usado de forma automática, assistemática ou inconsciente, o contraponto com a modernidade pode, ele próprio, despertar reações negativas com resultados indesejáveis. Dentre esses resultados, destacam-se: (a) os juízos de valor de características da contemporaneidade a partir de parâmetros em vias de extinção, e (b) o bloqueio da percepção de aspectos inéditos da nova realidade e organização social.

Abstract

Various characteristics of post-modern life, particularly those stemming from information and mobile telecommunications, have been arousing negative reactions in non-intellectuals and intellectuals alike. Fredric Jameson (1991), one of the main analysts of post-modernity, suggests the use of a counterpoint with modernity as a sort of antidote for such reactions. He does not, however, discuss other possible outcomes of this counterpoint. This discussion is carried out in this paper, taking as an example the book *The corrosion of character*, by Richard Sennett (1998). It is argued that when used in an automatic,

¹Pós-Doutora em
Psicologia pela
Universidade de Londres.
Professora do
Departamento de
Psicologia da PUC-Rio.
E-mail:
anicol@psi.puc-rio.br

unsystematic or unconscious fashion, the counterpoint with modernity can, itself, give rise to negative reactions with undesirable results. Among these results, the most important are: (a) value judgments on characteristics of contemporaneity, made on the basis of almost extinct parameters and (b) obstruction of perception of unique characteristics of contemporary reality and social organization.

Palavras-chave:

Contraponto, modernidade, pós-modernidade.

Key words:

Counterpoint, modernity, post-modernity

Introdução

Em seu livro *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio* (1991), Fredric Jameson, um dos principais analistas da chamada Era Pós-Moderna, registra a alta incidência de reações negativas à nova realidade de nossos dias.

Discutindo principalmente a influência exercida pela nostalgia sobre algumas análises deste período, sugere uma espécie de antídoto para combatê-la. Este antídoto consiste em lançar mão da modernidade como contraponto para facilitar a apreensão dos elementos distintivos da contemporaneidade. Chega a afirmar que:

... precisamos ... tomar um *desvio pelo moderno* a fim de entender o que é historicamente original no pós-moderno... Na verdade, uma lição de história como essa é o melhor remédio para o *páthos* nostálgico, pois no mínimo ela nos ensina que *necessariamente* o caminho de volta para o moderno está fechado para sempre. (p. 173)

O *desvio pelo moderno* é, portanto, na visão de Jameson, uma forma de dar visibilidade às características inéditas da pós-modernidade.

Jameson, no entanto, não pára por aí, o que parece indicar que o medicamento que propõe não tem eficácia garantida no combate tanto deste quanto de outros males. Pelo contrário, registra, também, a presença de sentimentos – como o sentimento de perda e a angústia da morte da velha realidade – que, juntamente com a nostalgia, provavelmente ditam a frequência com que a nova realidade é vista de forma negativa, inclusive por alguns intelectuais. Tal registro é feito, de forma bastante clara, quando se pronuncia a respeito das atuais alterações nas formas de concebermos o tempo e o espaço, geradas pelas novas tecnologias da informação. Nesta oportunidade, Jameson diz:

A abordagem inicial dessa ‘grande transformação’ ... no mais das vezes registra essas novidades através de uma *sensação de perda*. De fato, até parece possível que o *páthos* da entropia... seja apenas isso: o afeto que se depreende da exploração minuciosa, mas não desprovida de entusiasmo, de todo esse mundo novo da espacialidade, e a grande *angústia da morte do moderno* que a acompanha. (p. 173, grifo meu)

As observações de Jameson são argutas e provocativas (principalmente se levarmos em conta que seu livro foi publicado há mais de uma década). Contudo, talvez porque ele tenha em mente um contraponto consciente (ou seja, uma técnica de contraste sistemático de diferentes características da modernidade e da pós-modernidade), essas observações deixam de levar em conta outros possíveis efeitos de sua utilização.

² Automáticas porque não são objeto de problematização consciente.

³ Algumas já sofreram adaptações e foram incorporadas por pesquisadores de outras disciplinas. Um exemplo são as pesquisas exploratórias realizadas a partir de entrevistas abertas e análises baseadas nas categorias emergentes do discurso dos próprios entrevistados (ver Nicolaci-da-Costa, 1987, 1998, 2002b e 2002c).

⁴ Juízos de valor são abundantes na literatura recente. Nicolaci-da-Costa (2002b) mostra, por exemplo, como novos comportamentos no novo espaço gerado pela Internet estão sendo apressadamente qualificados como patológicos por profissionais da psicologia.

⁵ Em um dos últimos livros de Bauman (2001), há um bom exemplo desse bloqueio parcial. Embora admitindo que vários “ingredientes” da vida em sociedade – como o poder e o capital – se tornaram extraterritoriais, Bauman não consegue perceber que muitos relacionamentos humanos – pessoais ou profissionais, íntimos ou não – também passaram a se desenrolar no novo espaço virtual das redes de computadores e celulares.

O fato é que Jameson não contempla a possibilidade de o contraponto com a modernidade ser realizado de forma inconsciente (por meio daquelas comparações *automáticas* com o passado,² que são freqüentemente feitas em momentos de mudança) e, deste modo, acabar atuando como um dos principais responsáveis por suscitar sentimentos negativos.

Para examinar em maior detalhe essas duas alternativas, consciente e inconsciente, de uso de contrapontos, é útil imaginarmos dois cenários hipotéticos, mas bastante prováveis.

No primeiro cenário, o contraponto é empregado de acordo com alguma das técnicas de distanciamento em relação ao objeto de estudo, sugeridas pelas disciplinas que sempre tiveram por objetivo a observação e a análise daquilo que ocorre “aqui” e “agora”, notadamente a antropologia (ver, por exemplo, Velho, 1981; da Matta, 1981; Augé, 1994) e a lingüística descritiva inaugurada por Saussure (1974/1916).³ Tais técnicas de distanciamento permitem que o objeto de estudo seja visto como um sistema independente de significados e valores, sobre os quais não cabe fazer avaliações a partir de parâmetros externos (ou passados). Neste caso, o contraponto com a modernidade pode ser usado, tal como sugerido por Jameson, para fazer um *levantamento* ou uma *descrição* das características do mundo em transformação no qual vivemos e, assim, possibilitar a apreensão e compreensão de um novo sistema de valores e significados.

Já no segundo cenário, as reações negativas ao novo, por parte de seus analistas, são tão fortes e/ou inconscientes que não permitem o distanciamento crítico necessário para esse tipo de *levantamento*. Este cenário parece se materializar com freqüência nos dias de hoje e isso acontece por uma razão bastante simples, há muito apontada por Berger e Luckmann (1973): todos somos homens e mulheres de nosso tempo e temos muita dificuldade em nos desapegarmos dos valores e visões de mundo que nos constituíram como sujeitos sociais e psicológicos (ver, também, Nicolaci-da-Costa, 1973). Nessas circunstâncias, o uso do contraponto *automático* pode gerar dois tipos de resultado:

(a) ainda que permitindo que as características da pós-modernidade se tornem visíveis, pode dar lugar a juízos de valor com conseqüências indesejáveis para todos;⁴

(b) pode resultar em um bloqueio – total ou parcial – da percepção, ou seja, em uma incapacidade de registrar e mapear pelo menos algumas das características distintivas da pós-modernidade.⁵

O uso do “desvio pelo moderno” para compreender o mundo contemporâneo e seus habitantes

Em psicologia, e também na educação, temos um importante objetivo em tempos de mudança como o atual: compreender as transformações de foro íntimo que são geradas pelos próprios processos de transformação social. Como, porém, não dispomos do instrumental para realizar esse tipo de estudo, geralmente partimos das macro-análises levadas a cabo por sociólogos e filósofos. Assim sendo, torna-se particularmente relevante que sejam discutidos os efeitos do que Jameson (1991) chama de “desvio pelo moderno” nessas macro-análises do presente quadro de mudanças.

Em outras palavras, antes de lançarmos mão dessas análises como ponto de partida para nossas investigações, devemos tentar avaliar o quanto, exatamente por usar a modernidade como contraponto, elas são predominantemente otimistas (dando maior peso aos aspectos positivos do atual quadro de mudanças),⁶ predominantemente nostálgicas (privilegiando seus aspectos negativos),⁷ ou ainda, na falta de melhor nomenclatura, realistas (registrando tanto os aspectos positivos quanto os negativos da mudança em curso).⁸

E devemos assim proceder porque a adoção de análises desenvolvidas sob uma ou outra ótica certamente terá grande influência nos resultados de nossas pesquisas, pois ditará as premissas das quais aquelas partirão. A adoção de uma análise nostálgica como ponto de partida para a investigação dos impactos subjetivos de processos de mudança, por exemplo, pode ter o indesejável resultado de levar-nos à avaliação de novos modos de viver, agir e ser como disfuncionais ou patológicos (para uma discussão mais detalhada desse tipo de avaliação sobre o uso intensivo da Internet, ver Nicolaci-da-Costa, 2002b e 2002c).

Como, todavia, não é possível dar conta de toda a produção sociológica e filosófica contemporânea, principalmente em algumas poucas páginas, a melhor opção parece ser a de, à guisa de exemplo, aprofundar a análise de pelo menos uma obra recente. Para tanto, tendo em vista o interesse da presente discussão nos aspectos psicológicos do quadro de mudanças atual, foram escolhidas algumas partes do livro de um sociólogo que tem, explicitamente, como objetivo discutir as conseqüências humanas da nova ordem mundial. O livro é *A corrosão do caráter* e seu autor é Richard Sennett (1998).

Um fator adicional ditou a escolha desse livro: o fato de Sennett ter estatura intelectual reconhecida, renome internacional e grande penetração nas ciências humanas como um todo e na psicologia em particular. De *A corrosão do caráter* foram selecionados, na íntegra, o prefácio e o primeiro ensaio, cujo título é *Deriva*.

Passemos a uma breve exposição de alguns dos principais resultados desse aprofundamento. Estes, é bom assinalar, foram obtidos a partir de uma análise

⁶ As análises predominantemente otimistas são relativamente raras nas ciências sociais e na filosofia. Talvez as análises de Lévy (ver, por exemplo, 1990 e 1996) sejam as que mais se encaixem nessa categoria.

⁷ Estas são muitas. Entre elas podem ser citadas, como exemplo, as análises de Baudrillard (ver, por exemplo, 1997), Sennett (1998) e Virilio (1993) e algumas análises de Bauman (2001) e Augé. (1994)

⁸ Dentre essas, certamente, destacam-se as de Castells (2000).

norteada pelos tipos de utilização dados ao contraponto da pós-modernidade com a modernidade discutidos acima (*levantamento x avaliação*), bem como pelas inconsistências e contradições teóricas e/ou discursivas presentes nas duas partes do livro escolhidas (inconsistências e contradições essas que revelavam a presença de diferentes reações negativas à nova realidade).

A corrosão do caráter

Os textos selecionados do livro de Sennett são tão confusos e contraditórios que deles é difícil extrair um raciocínio central.

Em um primeiro momento, tem-se a impressão de que Sennett usa o contraponto com a modernidade de modo análogo ao descrito no primeiro cenário apresentado acima, ou seja, com a finalidade consciente de tornar visíveis as características distintivas do período pós-moderno (que ele denomina de capitalismo flexível), principalmente aquelas relativas ao mercado de trabalho. A este período, Sennett, tal como muitos outros autores contemporâneos (para uma revisão dessa literatura, ver Leitão e Nicolaci-da-Costa, 2003), atribui características centrais como a flexibilidade, a mobilidade, a organização em rede, o curto prazo, a reengenharia, a satisfação imediata do desejo, o acesso a comunicações eletrônicas etc.

Essa primeira impressão, no entanto, dissipa-se rapidamente quando o leitor começa a constatar que, embora registrando aquilo que é característico do mundo contemporâneo, Sennett *avalia de forma sistematicamente negativa* cada uma dessas características a partir da ótica da modernidade. Examinemos alguns exemplos.

Começemos pela definição que Sennett dá à “caráter”, no prefácio. Ele deixa claro que, a seu ver, o conceito de “caráter” é tão estável que pode ser remetido aos tempos de Horácio. Diz:

Horácio escreve que o caráter de alguém depende de suas ligações com o mundo. (...) O termo *caráter concentra-se sobretudo no aspecto a longo prazo de nossa experiência emocional*. É expresso pela lealdade e o compromisso mútuo, pela busca de metas a longo prazo, ou pela prática de adiar a satisfação em troca de um fim futuro. (...) Caráter são os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem. (p.10, grifo meu)

A partir dessa definição, Sennett enuncia as questões que se propõe a investigar:

Como decidimos o que tem valor duradouro em nós numa sociedade impaciente, que se concentra no momento imediato? Como se podem buscar metas de longo prazo numa economia dedicada ao curto prazo? Como se podem manter lealdades e compromissos mútuos em instituições que vivem se desfazendo ou sendo continuamente reprojctadas?... (p. 11)

Um exame dessas perguntas já revela algumas das principais contradições que permeiam o ensaio. Embora admitindo explicitamente que o capitalismo flexível tem como características principais o curto prazo, a organização em rede, a mobilidade do mercado de trabalho, todas essas perguntas dizem respeito à manutenção de valores e metas originárias de organizações hierárquicas, pouco móveis e essencialmente de longo prazo .

Para obter respostas a essas perguntas, ele recorre a “fontes informais” (p. 11), como, por exemplo, à coleta de relatos pessoais quando se lhe apresenta uma oportunidade.

Um desses relatos pessoais, no qual fundamenta sua argumentação no primeiro ensaio, é particularmente interessante do ponto de vista da presente discussão. Isso porque foi obtido numa entrevista informal com um jovem profissional, cujo pai Sennett havia entrevistado um quarto de século antes, realizada a partir de um encontro acidental em um longo vôo internacional. Neste ensaio, toda a trajetória (pós-moderna) do filho – Rico – é comparada, quase ponto a ponto, com a história (moderna) do pai – Enrico – e *avaliada* por Sennett a partir da ótica moderna. Examinemos alguns pontos dessa argumentação na seqüência em que aparecem no texto. Antes, porém, é necessária uma breve descrição dos perfis e das trajetórias de pai e filho.

Enrico é um imigrante que, trabalhando como faxineiro, conseguiu concretizar o sonho americano de mobilidade social devido à sua disciplina, controle do tempo, participação sindical, capacidade de planejamento e capacidade de adiamento da satisfação. Às custas da proteção sindical e do emprego racional do tempo, associados à autodisciplina, Sennett afirma que:

Enrico conquistou uma nítida história para si mesmo, em que a experiência se acumulava material e fisicamente; sua vida, assim, fazia sentido para ele, numa *narrativa linear*... O faxineiro sentia que se tornava o autor de sua vida, e, embora fosse um homem inferior na escala social, essa narrativa lhe dava um senso de respeito próprio. (p. 14, grifo meu)

Já a história de Rico é completamente diferente e, segundo Sennett, desprovida da narrativa linear que dava a Enrico um senso de identidade e respeito próprio. Diplomara-se em engenharia elétrica numa universidade local, fora para uma escola de comércio em Nova York e se casara com uma colega, Jeannette. Depois da formatura, Rico fora trabalhar como consultor tecnológico. Em quatorze anos de trabalho, Rico e Jeannette haviam se mudado quatro vezes. Na época da entrevista, Jeannette dirigia uma grande equipe de contadores e Rico tinha uma pequena empresa de consultoria.

Este é o pano de fundo sobre o qual Sennett tece suas observações e análises sobre diferentes aspectos da vida cotidiana (emocional, familiar e profissional) de Rico. Estes aspectos, que não estão necessariamente relacionados ao “caráter”, serão individualmente categorizados examinados abaixo, na ordem em que aparecem no texto (embora de forma esquemática, para facilitar a exposição).

Perda de uma narrativa linear. Como já foi mencionado acima, o primeiro aspecto ressaltado por Sennett, no que diz respeito à trajetória cumulativa e seqüencial de Enrico, é o de que, sua “vida ... fazia sentido para ele, numa *narrativa*

linear” (p. 14). Já a de Rico, por ser fragmentada, não lhe possibilita a construção de uma narrativa análoga.

Medo de perder o controle do tempo. Segundo Sennett, Rico tem medo de perder o controle do tempo, pois, desde o momento que começou sua empresa, viu-se mergulhado no “puro fluxo das redes” (p.18), tendo que se submeter aos horários, às demandas e “aos mutáveis caprichos e idéias daqueles que pagam” (p. 18).

Vida emocional à deriva. Sennett, no entanto, alega haver percebido que, no caso de Rico, esse medo ia além da preocupação com a perda de poder no trabalho. Diz: “[Rico] temia que as medidas que precisava tomar e a maneira como tinha de viver para sobreviver na economia moderna houvessem posto sua vida emocional, interior, à deriva.” (p. 19)

Perda de amizades. Essa sensação de deriva emocional, por sua vez, é interpretada por Sennett como uma consequência das constantes mudanças do casal em resposta às exigências do novo mercado de trabalho. Ainda segundo Sennett, Rico e a mulher haviam feito amizade sobretudo com pessoas que viam no trabalho, mas haviam perdido muitas delas por conta de sua mobilidade. Rico, no entanto, afirma que essas amizades continuavam “em rede” (p. 19).

Ausência de senso de comunidade. Ao ouvir a afirmação de Rico a respeito da manutenção de amizades “em rede”, Sennett rapidamente conclui que ele “busca[va] nas comunicações eletrônicas o senso de comunidade que Enrico mais apreciava quando assistia às reuniões do sindicato de faxineiros...” (p. 19). Ou seja, ao invés de investigar mais detidamente o que a manutenção de amizades “em rede” significava para Rico, Sennett se apressa a concluir que algo estava faltando na vida dele. E o que faltava, lê-se nas entrelinhas, era a sensação de pertencer a uma comunidade – hoje chamada de presencial para diferenciá-la das diversas comunidades *online* surgidas nos últimos tempos – na qual os relacionamentos eram mantidos em contatos face a face, tal como no sindicato de faxineiros que Enrico freqüentava.⁹

Enfraquecimento do modelo paterno de conduta ética. Sem haver se aprofundado em nenhum dos temas anteriores, Sennett estabelece um elo com essa falta de senso de comunidade e aborda um tópico nevrálgico: o do enfraquecimento do modelo paterno de conduta ética. Também, sem aprofundar sua argumentação, afirma:

O aspecto fugitivo de amizade e comunidade local forma o pano de fundo da mais importante das preocupações de Rico: sua família. (...) a mais profunda preocupação de Rico era que não podia oferecer aos filhos a substância de sua vida de trabalho como exemplo de como eles devem conduzir-se eticamente. As qualidades do bom trabalho não são as mesmas do bom caráter. (p. 20)

Disfuncionalidade do curto prazo. Ainda de acordo com Sennett, o que Rico procurava lhe mostrar ao longo da entrevista é que as mudanças materiais englobadas no lema central do capitalismo flexível – “Não há longo prazo” – se tornaram disfuncionais para ele como diretivas para o caráter pessoal,

⁹ A manutenção de diversos tipos de relacionamentos – passageiros ou duradouros – no espaço gerado pelos meios de comunicação eletrônicos vem sendo consistentemente registrada por vários pesquisadores (ver, por exemplo, Nicolaci-da-Costa, 1998, 2002b; Costa, 2001; Prange, 2003). Já uma discussão a respeito de comunidades *online* pode, por exemplo, ser encontrada em Preece (2000) e Rheingold (1998).

sobretudo em relação à sua vida familiar. Isso dá origem a uma afirmação categórica por parte de Sennett: “*Não há longo prazo’ é um princípio que corrói a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo*” (p. 24, grifo meu). Esta afirmação e a discussão de como são gerados laços sociais fracos e fortes, que a ela se segue, dão ao leitor a oportunidade de finalmente entrever o real objetivo de toda a sua argumentação: o de discutir o que acontece com a coesão social no capitalismo flexível.

Enfraquecimento dos laços sociais. Do ponto de vista de Sennett, uma organização que opera como uma estrutura de rede flexível, frouxa, e não com um rígido comando de cima para baixo, pode enfraquecer os laços sociais. Para ele, laços fracos são formas passageiras de associação que, dentro do regime de trabalho flexível, parecem ser mais úteis às pessoas do que as ligações a longo prazo. Já laços fortes são aqueles que, tal como a lealdade, estão em vias de extinção porque dependem da associação a longo prazo.

Corrosão do tecido social. Toda essa confusa discussão de tópicos não explicitamente relacionados por Sennett à investigação do que aconteceu ao “caráter” no capitalismo flexível, chega ao fim com a abordagem de um dos temas mais caros à sociologia, a discussão da coesão social (no caso, superficialmente associada à da construção de uma identidade pessoal). Mas essa discussão não é explícita. Novamente aparece nas entrelinhas, principalmente no seguinte trecho, no qual a ótica daquilo que foi perdido prevalece mais uma vez:

Como se podem buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como se podem manter relações sociais duráveis? Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos? As condições da nova economia alimentam, ao contrário, a experiência com a deriva no tempo, de lugar em lugar, de emprego em emprego. Se eu fosse explicar mais amplamente o dilema de Rico, diria que o capitalismo de curto prazo corrói o caráter dele, sobretudo aquelas qualidades de caráter que ligam os seres humanos uns aos outros, e dão a cada um deles um senso de identidade sustentável. (p. 27, grifo meu)

Se fizermos uso, agora, dos resultados da análise do primeiro ensaio de *A corrosão do caráter* que acabam de ser apresentados, veremos claramente que o contraponto entre as vidas de Enrico e Rico, embora não impeça Sennett de registrar as características distintivas das realidades de pai e filho, leva-o a se inserir no segundo cenário discutido no início deste trabalho. Ele, sistematicamente, *avalia de forma negativa* o que acontece com o filho em função do que acontecia com o pai. Rico perde a possibilidade de construir uma narrativa linear, teme perder o controle do tempo, teme que sua vida emocional fique à deriva, perde amizades. Carece do senso de pertencer a uma comunidade, não pode oferecer aos filhos um modelo de conduta ética. O curto prazo é, para ele, disfuncional no que diz respeito à sua vida familiar, e seus laços sociais são fracos. O capitalismo flexível corroe o seu caráter e, muito provavelmente, corroerá, na visão de Sennett, o tecido social.

Em um ponto do ensaio, Sennett faz uma breve alusão ao fato de que suas

categorias podem ser inadequadas para a apreensão da nova realidade. Falando a respeito de suas expectativas passadas a respeito do capitalismo tardio, diz:

... se havia maior liberdade de mercado, menor controle do governo, o 'sistema' ainda entrava na experiência cotidiana como sempre fizera, com sucesso e fracasso, dominação e submissão, alienação e consumo. As questões de cultura e caráter, para mim, encaixavam-se nessas categorias conhecidas. *Mas agora não se podia captar a experiência de nenhuma pessoa jovem com esses velhos hábitos de pensamento.* (p. 28, grifo meu)

Mesmo assim, não se abstém de partir desses velhos hábitos – modernos – de pensamento para sistematicamente *avaliar de forma negativa* aquilo que vem acontecendo na pós-modernidade. Sequer se dá conta de que, minimamente, causa estranheza o fato de não haver nenhum registro da vida de Rico ao qual atribua valoração positiva.

Considerações Finais

Jameson (1991) certamente tem razão em dizer que o contraponto com a modernidade torna mais visíveis as características distintivas da pós-modernidade (o contraste sempre acentua os elementos distintivos de dois objetos, sistemas etc.). Como acaba de ser discutido, no entanto, este resultado parece estar restrito ao uso específico do contraponto como uma técnica consciente de distanciamento sistemático do “aqui” e do “agora” pós-modernos, de modo a permitir um levantamento de seus traços inéditos.

Embora disso Jameson não se aperceba, o contraponto com a modernidade tem, contudo, uma outra face.¹⁰ Se usado automática, assistemática e/ou inconscientemente, pode levar aos resultados indesejáveis discutidos ao longo deste artigo: (a) juízos de valor a partir de parâmetros externos; e (b) bloqueio da percepção de características inéditas da pós-modernidade, mesmo quando estas são vistas e sentidas como positivas por muitos.

A discussão dos trechos escolhidos de *A corrosão do caráter* (SENNETT, 1998) ilustra ambos esses resultados. Nesses trechos, há uma constante avaliação negativa das características da vida pós-moderna tendo a moderna como contraponto e *parâmetro*. Em conseqüência, há um bloqueio da percepção de características da pós-modernidade, que já estão sendo encaradas como positivas por muitos dos homens, mulheres e crianças em cujas vidas já foram incorporadas (para uma discussão dessa visão positiva que os sujeitos contemporâneos têm de vários traços distintivos da pós-modernidade, ver, entre outros, Lévy, 1990, 1996; Castells, 2000; Cebrián, 1999; Giddens, 2002; Nicolaci-da-Costa, 1998, 2002a, 2002b, 2002c; Costa, 2001; Prange, 2003; Romão-Dias, 2001; Zaremba, Romão-Dias & Nicolaci-da-Costa, 2002).

O exemplo dos problemas presentes na análise realizada por um autor do porte de Sennett deve nos servir de alerta. Já que, como Jameson assinala, “*necessariamente* o caminho de volta para o moderno está fechado para sempre” (p. 173), torna-se cada vez mais urgente que evitemos fazer julgamentos de valor pautados em um passado ao qual não há retorno. Devemos aprender a conviver com as características do nosso tempo da maneira menos preconceituosa possível.

¹⁰ Esta outra face é raramente descrita na literatura.

Eventualmente, algumas dessas características se mostrarão positivas e outras negativas, *mas, é importante frisar, a partir de novos parâmetros.*

Referências

- AUGÉ, M. **Não-lugares**. São Paulo: Papirus, 1994
- BAUDRILLARD, J. **Tela-total: mito-ironias da era do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BERGER, P. ; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CASTELLS, M. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CEBRIÁN, J. L. **A Rede: como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação**. São Paulo: Summus, 1999.
- COSTA, A.C.A. **IRC: uma nova alternativa para as relações entre as pessoas**. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2001.
- DA MATTA, R. **Relativizando**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- GIDDENS, A. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- JAMESON, F. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1991.
- LEITÃO, C. ; NICOLACI-DA-COSTA, A. M. A psicologia no novo contexto mundial. **Estudos de Psicologia: Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, 2003.
- LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência – o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 1990.
- LÉVY, P. **O que é o Virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M. **Sujeito e cotidiano: um estudo da dimensão psicológica do social**. Rio de Janeiro: Campus, 1987.
- _____. **Na malha da Rede: Os impactos íntimos da Internet**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- _____. **Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas**. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 18, n. 2, pp. 193-202, 2002.
- _____. **Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal**. In: **À qual dar crédito? Estudos de Psicologia**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, vol. 7, n. 1, pp. 25-35, 2002.
- _____. **Quem disse que é proibido ter prazer online? Identificando o positivo no quadro de mudanças atual**. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**, vol. 22, n. 2, pp. 12-21, 2002.
- PRANGE, A. P. L. **Da literatura aos blogs: um passeio pelo território da escrita de si**. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2003.
- PREECE, J. **Online communities: designing usability, supporting sociability**. New York: John Wiley & Sons, 2000.

RHEINGOLD, H. **Virtual community**. Disponível: <<http://www.rheingold.com/vc/book>> (Acesso: abril de 2003).

ROMÃO-DIAS, D. **Nossa plural realidade**: um estudo sobre a subjetividade na era da Internet. 2001. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2001.

SAUSSURE, F. **Course in general linguistics**. Bungay: Richard Clay, 1974.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1998.

VIRILIO, P. **O espaço crítico**. São Paulo: Editora 34, 1993.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1981.

ZAREMBA, R.; ROMÃO-DIAS, D.; NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Simples como uma torradeira: Um estudo sobre o computador no cotidiano da nova geração. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**, vol. 22, fascículo 1, pp. 92-99, 2002.

Recebido em fevereiro de 2003.

Aceito em abril de 2003.